
Artigos de Relato de Experiência

Reflexão sobre aconselhamento psicológico como intervenção possível para atendimento de mães de crianças com Paralisia Cerebral

Reflection on psychological counseling as a possible intervention for the care of mothers of children with Cerebral Palsy

Reflexión sobre la consejería psicológica como posible intervención para el cuidado de madres de niños con Parálisis Cerebral

 <http://dx.doi.org/10.18316/sdh.v9i1.6498>

Thaís Cristina Arcas de Felipe^{1*}, Naelly de Sousa Pereira², Danubia Torres Vicente², Elaine da Silva Dias Cunha², Gustavo de Mendonça Machado²

RESUMO

Este artigo é um relato de experiência de um trabalho desenvolvido dentro da disciplina de Aconselhamento e Orientação em Psicologia de uma Faculdade de Psicologia no interior de São Paulo, que teve como objetivo principal refletir sobre intervenções possíveis e necessárias para serem desenvolvidas com mães cuidadoras de seus filhos com paralisia cerebral. A orientação para o trabalho da disciplina era de que os alunos precisariam desenvolver um projeto de implementação da prática de Aconselhamento em alguma demanda específica, e por motivações pessoais dos alunos, escolheu-se a demanda das mães cuidadoras de seus filhos com paralisia cerebral. As pesquisas utilizadas como referências para este trabalho

apresentaram resultados significativos sobre o alto nível de estresse das mães, sobre a falta de consciência que elas têm sobre este estresse e seus sintomas manifestos, e a necessidade de se criar iniciativas a nível de políticas públicas para atendimento e cuidado específico para este público, e com base nos estudos desenvolvidos ao longo do semestre na disciplina, a estrutura do Aconselhamento se apresentou como possível e até ideal para atingir tal objetivo. O grupo de alunos estruturou um modelo de utilização da intervenção em Aconselhamento Psicológico em duas modalidades diferentes: podendo ser desenvolvida em grupos de orientações e esclarecimentos sobre questões específicas da paralisia cerebral, e também oferecimento de Plantão Psicológico para atendimentos individuais. A ideia futura é de apresentar este projeto para instituições de atendimento a crianças com paralisia cerebral para que ofereçam atendimentos às mães também, garantindo uma maior integralidade do tratamento.

Palavras-chave: Paralisia cerebral; Mães; Aconselhamento Psicológico.

¹ Psicóloga, Professora na Faculdade Anhanguera de Taubaté, Brasil,

² Graduando de Psicologia da Faculdade Anhanguera de Taubaté, Brasil

***Autor Correspondente:** Av. Dr. José Olegário de Barros, 46/58 - Vila Nossa Sra. das Gracias, Taubaté - SP, Brasil, 12060-400. **E-mail:** thais_arcas@hotmail.com

ABSTRACT

This article is an experience report of a work developed within the discipline of Counseling and Guidance in Psychology of a Faculty of Psychology in the interior of São Paulo, whose main objective was to reflect on possible and necessary interventions to be developed with mothers who care for their children. children with cerebral palsy. The orientation for the work of the discipline was

that the students would need to develop a project to implement the practice of Counseling in some specific demand, and for personal motivations of the students, the demand of mothers who cared for their children with cerebral palsy was chosen. The researchers used as references for this work showed significant results on the mothers' high level of stress, on the lack of awareness they have about this stress and its manifest symptoms, and the need to create public policy initiatives for care and specific care for this audience, and based on the studies developed throughout the semester in the discipline, the structure of the Counseling was presented as possible and even ideal to achieve this objective. The group of students structured a model for using the Psychological Counseling intervention in two different modalities: it can be developed in groups of guidelines and clarifications on specific issues of cerebral palsy, and also offering Psychological Duty for individual care. The future idea is to present this project to institutions that care for children with cerebral palsy so that they can offer care to mothers as well, guaranteeing a greater integrality of treatment.

Keywords: Cerebral palsy; Mothers; Psychological Counseling.

INTRODUÇÃO E OBJETIVO

Este artigo é um relato de experiência de um trabalho teórico desenvolvido dentro da disciplina de Aconselhamento e Orientação em Psicologia de uma Faculdade de Psicologia no interior de São Paulo. A orientação para o trabalho era de que os alunos precisariam desenvolver um projeto de implementação da prática de Aconselhamento Psicológico em alguma demanda específica, e por motivações pessoais dos alunos, escolheu-se a demanda das mães cuidadoras de seus filhos com paralisia cerebral.

Paralisia cerebral (PC), nas palavras de Piovesana¹, define-se como um distúrbio motor do tônus muscular e da postura, não é progressivo e sempre secundário a uma lesão no cérebro quando ainda em desenvolvimento. Essa lesão cerebral, segundo a autora, pode ocorrer no período pré, peri ou pós-natal. Segundo Oliveira, Golin e Cunha², o quadro da PC pode interferir de forma relevante nas interações diárias da criança, influenciando não só a aquisição e o desempenho motor básico (que envolvem ações

como rolar, sentar, engatinhar e andar), mas também as atividades diárias, como tomar banho, alimentar-se, vestir-se e locomover-se. Além disso, o quadro inicial pode vir acompanhado de diagnósticos secundários, comprometendo ainda mais o desenvolvimento da criança, que passa a ser a dependente de um cuidador em menor ou maior grau, e, segundo Milbrath et al³, na maioria das vezes é a mãe quem assume esse papel, em tempo integral.

Para os autores, o processo vivenciado pela mulher que se torna mãe de uma criança com PC altera todo o seu equilíbrio como sujeito e seu papel no núcleo familiar. A mãe, buscando proporcionar os estímulos adequados para o desenvolvimento de seu filho, na maior parte dos casos, sai do mercado de trabalho e dedica-se exclusivamente à criança. Essa abdicação altera toda a rotina e influencia a família em geral. Saindo do emprego, a renda familiar diminui e a mulher passa a depender de outros membros da família. Diante de tantas mudanças e adaptações necessárias, é de se esperar que esta mãe e mulher esteja em níveis consideráveis de estresse.

Segundo Nodari et al⁴, a palavra "estresse" deriva do termo latim *stringere*, que significa "tensionar". Na engenharia, o termo relaciona-se à avaliação da resistência de uma matéria a partir da força aplicada sobre ela. Na dimensão psicológica, o estresse pode ser definido como um conjunto de forças externas que produzem efeitos transitórios ou permanentes sobre o indivíduo; refere-se a uma experiência na qual as demandas de determinada situação excedem a capacidade que o indivíduo tem de enfrentá-la. Na maioria das vezes, o estresse é resultado de uma negociação entre o indivíduo e o ambiente, que conduz seu organismo a uma ativação exagerada ou diminuída.

Para Lipp⁵, todo evento que provoque a quebra da homeostase interna e exija adaptação do organismo pode ser chamado de estressor. Ou seja, toda mudança, sendo para melhor ou pior, traz a necessidade de adaptação. Para cada adaptação necessária, a pessoa usa energias que tinha como reserva. Assim, conforme afirmam Lipp e Novaes⁶, toda mudança (boa ou má) provoca certa quantidade de estresse.

Felippe⁷, em sua pesquisa realizada com 30 mães cuidadoras de seus filhos com PC,

apresentou entre seus resultados que 20 dessas mães apresentaram alto nível de estresse, com significativas manifestações físicas e emocionais, e por conta de não se conscientizarem dessa condição, elas não procuram por ajuda psicológica, além de não terem este tipo de apoio ofertados em rede pública de saúde. Ao final de sua pesquisa, a autora pontua a necessidade da inclusão, nos tratamentos oferecidos a estas crianças, atenção específica à saúde da mãe também, sendo assim, considerando os resultados apresentados pela autora, esta lacuna pontuada, e as orientações requisitadas pelo trabalho da disciplina Aconselhamento e Orientação em Psicologia, o objetivo principal do presente relato é refletir, sobre a possibilidade de que o Aconselhamento Psicológico seja uma intervenção possível para se regulamentar como atendimento oferecido a mães cuidadoras de seus filhos com paralisia cerebral, objetivando diminuir o nível de estresse e melhorar sua condição geral de saúde.

A importância da reflexão desenvolvida neste trabalho e da sugestão de um modelo de atendimento para as mães resultante do mesmo, justifica-se pela necessidade de desenvolvimento de um cuidado psicológico atento sobre as mesmas, oferecendo-lhes um espaço individual para que possam falar de si, e não apenas de seus filhos. A diminuição do nível de estresse destas mães deve ser de interesse dos sistemas públicos. Autores como Gondim; Pinheiro e Carvalho⁸ e Miurna e Petean⁹ reforçam a necessidade de atender à demanda de atendimento às mães, apontando que, se o foco for apenas no tratamento da criança, deixa-se de lado o tratamento emocional da família – principalmente da figura da mãe, que é a cuidadora – necessário, inclusive, para que o tratamento da criança seja mais eficaz.

DESCRIÇÃO

Este artigo é resultado de um trabalho desenvolvido por quatro alunos, dentro da disciplina de Aconselhamento e Orientação em Psicologia de uma Faculdade de Psicologia no interior de São Paulo, orientados pela professora responsável pela disciplina – todos autores do presente artigo. A instrução do trabalho, era desenvolver um projeto em que a prática do Aconselhamento Psicológico pudesse ser aplicada em alguma demanda específica, e por motivações e experiências pessoais de uma das alunas, o

grupo de alunos escolheu a demanda de mães de crianças com paralisia cerebral.

Esta aluna frequentava a Policlínica Municipal de Taubaté e tinha convivência com as mães, responsáveis, cuidadores e equipe multidisciplinar onde foram constatadas que as crianças com deficiência tinham todo o suporte necessário, porém seus responsáveis não contavam com o suporte emocional e psicológico necessário. Este dado condiz com os resultados apresentados por Felipe⁷, que destacou a precariedade que existe no oferecimento de serviços específicos para as mães cuidadoras nas instituições de atendimentos a crianças com PC, e levando-se em conta os altos níveis de estresse encontrados nas mães de sua pesquisa, pontuou a necessidade de que se desenvolva programas públicos que atendam estas mães.

O presente trabalho foi desenvolvido apenas em nível teórico e de reflexão sobre o assunto. O grupo de alunos se encontrou uma vez por semana durante um semestre letivo da disciplina, buscou referências com embasamentos nas orientações que receberam na disciplina de Aconselhamento e Orientação em Psicologia, utilizou como base inicial a pesquisa de Felipe⁷, foram utilizados também artigos e livros indicados e recomendados nas referências bibliográficas desta mesma pesquisa, além de buscarem trabalhos acadêmicos nas bases de dados da Scielo, Google Acadêmico, Lilacs e PubMed. Para estas pesquisas foram usadas as palavras-chaves Mães, Paralisia Cerebral, Intervenção e Aconselhamento Psicológico.

Dentre as pesquisas utilizadas, percebeu-se significativo desgaste e sofrimento vivido por estas mães, além de escassez de artigos que trouxessem resultados demonstrando intervenções realizadas com elas. Esta lacuna foi então o estímulo principal para o desenvolvimento do presente trabalho.

O presente artigo teve então o objetivo de refletir sobre o Aconselhamento Psicológico como intervenção possível para atendimento e cuidado oferecido a mães cuidadoras de seus filhos com paralisia cerebral.

DISCUSSÃO

Ao final do trabalho de Felipe⁷, a autora destacou a precariedade que existe no

oferecimento de serviços específicos para as mães cuidadoras nas instituições de atendimentos a crianças com PC, e levando-se em conta os altos níveis de estresse encontrados nas mães de sua pesquisa, pontuou a necessidade de que se desenvolvam programas públicos que atendam estas mães.

A precariedade de serviços oferecidos foi notada também por uma das alunas autoras deste trabalho. Sendo mãe de uma criança com Paralisia Cerebral, vivenciou na pele a falta de atendimentos oferecidos com atenção exclusiva para as mães cuidadoras. Nas instituições que oferecem tratamentos para a PC, existem grupos de terapia ocupacional, possibilitando uma interação grupal entre as mães, e os profissionais de saúde ficam à disposição das mães visando ajudar com problemas relacionados apenas aos filhos. Não existe um olhar e atenção dedicados a estas mães enquanto indivíduos além do papel materno. A precariedade de atendimento também pode ser evidenciada pela escassez de publicações deste conteúdo. Muito se estuda e publica sobre os sofrimentos e dificuldades vividos por estas mães, mas pouco se faz em prol de realmente atendê-las e ajuda-las.

Faz-se necessário um cuidado psicológico atento sobre essas mulheres, oferecendo talvez um programa de atendimento em grupo específico para as mães falarem de si, e não apenas de seus filhos, com o objetivo de proporcionar um espaço de tempo e físico, mesmo que limitado, para que essas mães possam se olhar mais, ampliando a ideia da maternagem para o cuidado com si mesma também. Considerando este prisma que o grupo pensou na estratégia do Aconselhamento Psicológico como intervenção a ser realizada com as mães.

Segundo Scorsolini-Comin¹⁰, a prática do Aconselhamento Psicológico teve início nos Estados Unidos, nos anos de 1950, muito influenciada pela Orientação Profissional e naquele contexto visava conhecer as inclinações dos jovens e encaminhá-los para as profissões adequadas. O processo era totalmente racional, e o foco era a adaptação do sujeito ao mundo do trabalho. Dentro desta perspectiva, o conselheiro era tido como modelo a ser seguido e o Aconselhamento era conceituado como processo de aprendizagem, com objetivos de adaptação do sujeito.

Ainda segundo o autor, com o tempo, a ação do aconselhamento foi ampliada para atender a demanda de pessoas que buscavam alívio para tensões, esclarecimento para dúvidas ou acompanhamento para problemáticas específicas de áreas de suas vidas, e foi através Carl Rogers, em 1942, que o processo de aconselhamento obteve maior aproximação com a psicoterapia, objetivando então facilitar o crescimento do indivíduo, e o conselheiro passou a ser um facilitador desse processo.

Scorsolini-Comin¹⁰ afirma que o aconselhamento psicológico é uma proposta de trabalho breve e pontual, destinada a todas as pessoas que, por circunstâncias diversas, estão mais fragilizadas emocionalmente e mais inseguras para lidarem e conduzirem sozinhas a situação-problema vivenciada. O autor diferencia este processo da psicoterapia clássica, que pode ser conceituada como método de trabalho que busca amenizar o sofrimento da pessoa por meio de um processo de autoconhecimento, ajudando a pessoa a vislumbrar o real motivo que está por trás de suas queixas e conflitos.

O autor pontua que o aconselhamento seria indicado quando não houvesse o diagnóstico de algum transtorno psicológico ou em situações que envolvessem o atendimento mais pontual, com o fornecimento de informações e de acompanhamento para a tomada de uma decisão importante.

Scorsolini-Comin¹⁰ defende que o aconselhamento está mais ligado a ajudar o cliente a tomar alguma decisão e envolve situações objetivas que permitem uma melhor utilização de recursos e potencialidades pessoais, sendo que as demandas estão relacionadas, geralmente, a conflitos ambientais e situacionais, a conflitos conscientes e acompanhados de uma ansiedade considerada normal.

Esta situação descrita se enquadra adequadamente a realidade das mães cuidadoras de filhos com paralisia cerebral. Elas necessitam de um enquadramento de tempo e espaço adequado para que possam visualizar com maior clareza questões pontuais de sua realidade e tenham acompanhamento adequado para o desenvolvimento e estímulo de suas capacidades e possibilidades de enfrentamento.

O grupo de alunos elaborou um projeto para realização de grupos de mães com a abordagem

do Aconselhamento Psicológico para debater sobre medos, receios, políticas públicas, direitos e o enfrentamento dos obstáculos que estas crianças poderão vir a enfrentar e de como isso afeta diretamente a elas. O objetivo principal do grupo se caracteriza como dar voz a como as mães se sentem em relação as adversidades vividas e possam falar sobre isso de um ponto de vista pessoal e individual, não apenas voltadas às suas preocupações com as crianças, mas a como toda rotina afeta diretamente a elas. Segundo Vilanova, Kurpel, Soares e Demarco¹¹, a atmosfera que envolve o aconselhamento psicológico, deve ser permeada e estimular a confiança e o respeito além de permitir que o paciente tenha tempo e liberdade para falar sobre seus pensamentos e sentimentos, reduzindo assim o nível de estresse causado pela sobrecarga destes sentimentos e preocupações. A pesquisa de Silva e Araújo¹² apresentou como resultado de sua avaliação com familiares de crianças com paralisia cerebral, baixo nível de estresse nos pais que estavam passando por acompanhamento psicológico dentro do programa de reabilitação de seus filhos. O acompanhamento contava para estes familiares como uma fonte de suporte social, elemento demonstrado na literatura como forte fator de proteção para o estresse nestas situações.

Elaborou-se um formato para oferecer estes grupos de aconselhamento, para que futuramente este trabalho possa ser oferecido nas instituições que atendem crianças com PC e recebem suas mães em períodos longos de horas ao longo da semana. Pensou-se em realizar encontros semanais, com duas horas de duração a cada grupo, e o oferecimento dessa atividade de forma regular nos períodos de manhã e tarde, podendo ser rotativo os dias e horários – para que se alcance o máximo possível de mães. A ideia é de que os grupos ocorram nos horários que as crianças estão realizando seus tratamentos das instituições e as mães aguardam, assim haveria otimização do tempo na rotina destas famílias.

Todos os grupos devem ser coordenados por pelo menos um profissional Psicólogo, que pode ser o próprio profissional da instituição. A ideia do trabalho é de que as instituições incluam em suas rotinas de serviços oferecidos, esse momento de atenção exclusiva para as mães. As participações devem ser inteiramente voluntárias, para que nenhuma mãe se sinta coagida e não

deve haver obrigatoriedade de seguimento semanal nos encontros.

Foi pensado também a necessidade de oferecer alguns horários exclusivos para Aconselhamento individual para as mães que perceberem essa necessidade. Atualmente, estes atendimentos geralmente são encaminhados para psicólogos externos às instituições, o que na maioria das vezes limita a busca e acesso. Para atender esta demanda, podemos sugerir a modalidade de Plantão Psicológico. Segundo Alvez e Morales¹³ o Plantão Psicológico (PP) é um tipo de intervenção que acolhe a pessoa no exato momento de sua urgência, ajudando-a a lidar melhor com seus recursos e limites. O psicólogo que ali se encontra como plantonista deve estar disposto ao não planejado, à possibilidade do encontro ser único e, tentar responder à demanda daquele que procura por este serviço naquele momento específico. Essa estrutura de atendimento pode atender às demandas específicas das mães aqui descritas: sem tempo, sem disposição para mais um compromisso semanal, sem consciência da necessidade de cuidar de si com regularidade, mas com muitas angústias e sofrimentos que as acompanham diariamente.

Vilanova, Kurpel, Soares e Demarco¹¹ defendem a utilização do serviço de aconselhamento psicológico nas filas de espera, de pacientes da saúde pública, pois segundo o autor esta estratégia engloba um conjunto de ações que visam atender o esclarecimento e orientação a pacientes e/ou familiares sobre o processo da doença; intervenções psicossociais; atendimentos aos familiares e grupo aberto para os acompanhantes.

Segundo Scorsolini-Comin¹⁰ o aconselhamento psicológico deve ser realizado em um sentido preventivo, com objetivo de ampliar de contextos e possibilidades, e não necessita de um local específico para ser realizado. Os autores defendem a necessidade de aprimoramento dos profissionais psicólogos para oferecimento de atendimentos na modalidade de Aconselhamento Psicológico: na impossibilidade – por tempo ou espaço – de se realizar o atendimento psicoterápico, o aconselhamento consegue atender as demandas mais pontuais e urgentes.

Vilanova, Kurpel, Soares e Demarco¹¹ realizaram uma intervenção de Aconselhamento Psicológico na mesma modalidade pensada

pela grupo: diretamente com familiares enquanto estes aguardavam sessões de equoterapia dos filhos e foi verificado como resultado que o aconselhamento psicológico se fez importante como uma maneira de facilitar a adaptação do sujeito a uma determinada situação, utilizando dos recursos pessoais e promovendo o bem estar psicológico no enfrentamento de dificuldades e problemas. Além de que, segundo os autores, em determinados momentos foi pertinente acolher as demandas que surgiam e aconselhar os pacientes *in loco* das queixas.

CONCLUSÃO

Com base nas referências usadas como base de pesquisa para o trabalho desenvolvido pelo grupo de alunos, evidencia-se uma grande precariedade em relação ao oferecimento de atendimentos específicos para mães cuidadoras de seus filhos com PC. Com base nos resultados apresentados por estas outras pesquisas, e pela experiência pessoal da própria aluna, o grupo refletiu que o Aconselhamento Psicológico pode ser uma possibilidade de intervenção a ser oferecida para mães de crianças com paralisia cerebral, visando a redução do nível de estresse e fortalecimento de suas estratégias de enfrentamento. A redução do nível do estresse destas mães é de interesse da saúde pública, pois as mães estressadas tendem a adoecer, e estando doentes, não conseguem levar os filhos para os tratamentos necessários, prejudicando o desenvolvimento destes. Além de, quando doentes, tornarem-se mais pessoas usuárias do já tão sobrecarregado sistema de saúde.

O aconselhamento psicológico pode ser elaborado dentro de uma estrutura de grupos para orientações e acolhimento destas mães, além do Plantão Psicológico para atendimentos individuais. A ideia é que os atendimentos sejam realizados e façam parte das rotinas das instituições de atendimento das crianças. Enquanto essas fazem suas sessões de fisioterapia, equoterapia, fonoaudiologia, entre outros atendimentos necessários, as mães teriam a disponibilidade de cuidarem mais de si mesmas, além do papel e responsabilidade materna.

A ideia do presente trabalho foi de desenvolver um projeto teórico de cuidado a ser disponibilizado para estas mães e deveria também, por que não,

se materializar como projeto de Política Pública dentro dos atendimentos oferecidos às crianças com paralisia cerebral. Deve-se fazer parte do atendimento das crianças, essa assistência e atendimento às mães, atingindo a integralidade de todos os envolvidos no tratamento.

REFERÊNCIAS

1. PIOVESANA, A. M. S. G. Paralisia cerebral: contribuição do estudo por imagem. In: SOUZA, A. M. C.; FERRARETTO, I. (Org.). *Paralisia cerebral: aspectos práticos*. 2. ed. São Paulo: Memnon, p. 8-32.; 2001.
2. OLIVERA, A. I. A.; GOLIN, M. O.; CUNHA, M. C. B. Aplicabilidade do Sistema de Classificação da Função Motora Grossa (GMFCS) na paralisia cerebral: revisão da literatura. *Arquivo Brasileiro Ciência e Saúde*, Santo André, v. 35, n. 3, p. 220-224; 2010
3. MILBRATH, V. M. et al. Ser mulher mãe de uma criança portadora de paralisia cerebral. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 427-431; 2008.
4. NODARI, N. L. et al. Estresse, conceitos, manifestações e avaliação em saúde: revisão de literatura. *Revista Saúde e Desenvolvimento Humano*, Canoas, v. 2, n.1, p. 61-74; 2014.
5. LIPP, M. E. N. Stress: conceitos básicos. In: _____ (Org.). *Pesquisas sobre stress no Brasil: saúde, ocupações e grupos de risco*. Campinas: Papyrus, p. 17-31; 1996.
6. LIPP, M. E. N.; NOVAES, L. E. *O stress*. São Paulo: Contexto, 1998.
7. FELIPPE, T.C.A. *Influência do coping religioso-espiritual e do significado atribuído à doença sobre o nível de estresse de mães cuidadoras de crianças com paralisia cerebral*. (Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo); 2017. Recuperado de: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/20348>.
8. GONDIM, K.M.; PINHEIRO, P.N.C.; CARVALHO, Z.M.F. Participação das mães no tratamento dos filhos com paralisia cerebral. *Revista da Rede de Enfermagem*, Fortaleza, v. 10, n. 4, p. 136-144, 2009.

9. MIURNA, R. T.; PETEAN, E. B. L. Paralisia cerebral grave: o impacto na qualidade de vida de mães cuidadoras. *Mudanças: Psicologia da Saúde*, São Bernardo do Campo, v. 20, n. 1-2, p. 7-12, jan./dez., 2012
10. SCORSOLINI-COMIN, F. *Aconselhamento Psicológico: Aplicações em Gestão de Carreiras, Educação e Saúde*. São Paulo: Atlas; 2015.
11. VILANOVA, A., KURPEL, A., SOARES, A. C., & DEMARCO, T. R. C. Relato de Experiência: Aconselhamento Psicológico dos Pacientes e Acompanhantes Atendidos na Equoterapia. *Repositório De Artigos Do Curso De Psicologia*, p. 16- 18, 2017.
12. SILVA, J. M., & ARAUJO, T. C. C. F. Reabilitação pediátrica: Suporte social e estresse em casos de paralisia cerebral. *Psicologia: Teoria e Prática*, 21(1), p. 119-136, 2019.
13. ALVEZ, R.C.R.; MORALES, G. Vínculo terapêutico no plantão psicológico: uma discussão sob a perspectiva da análise do comportamento. *Revista de Psicologia*, p.1-3; 2009.